

ARTIGO ORIGINAL

O trabalho científico na Arteterapia: fundamentos para uma prática reconhecida
Benefits of art therapy monitoring in suicidal ideation: analysis of a clinical caseDeolinda Maria da Costa Florim Fabietti¹Leila Nazareth²Sandro Leite³Maria Ângela Gaspari⁴

Resumo: Este artigo tem como objetivos fortalecer a Arteterapia brasileira como campo de conhecimento, visando torná-la uma profissão regulamentada e sensibilizar arteterapeutas para a produção acadêmica na área, o que também pode levar ao fortalecimento da profissão. É apresentado um breve histórico sobre a constituição da Arteterapia, com foco em seu desenvolvimento no Brasil. Discutiu-se também uma ferramenta que pretende garantir a qualidade dos periódicos acadêmicos nacionais, o sistema Qualis. Como convite para novas produções, são apresentados o contexto de produção desta Revista e as normas para a submissão de artigos. Por fim, levantaram-se algumas problematizações sobre a pesquisa em Arteterapia.

Palavras-chave: Histórico da Arteterapia; Regulamentação profissional; Sistema de aferição de qualidade; Contexto de produção; Pesquisa em Arteterapia.

Abstract: This paper aims at strengthening Brazilian Art Therapy as a field of knowledge, contributing to its transformation in a legalized profession. As well as motivating art therapists towards academic production, for it will also end up in strengthening the profession. A brief history of Art Therapy is presented focusing on its development in Brazil.

¹ Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1975), arteterapeuta (Sedes Sapientiae, 1995), Terapeuta Transpessoal (DEP, 1998), Mestre em Gerontologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Membro fundador da AATESP, Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (gestão 2015/2016), membro do Conselho Editorial da revista Eletrônica da AATESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1118829470372302>; email: deolinda.fabietti@terra.com.br.

² Psicóloga, neuropsicóloga e arteterapeuta (AATESP -001/1203). Mestre e Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP. Professora no Instituto Sedes Sapientiae, no curso de Especialização em Arteterapia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/158868710429374>; email: nazareth.leila@gmail.com.

³ Arteterapeuta, Artista-Educador, Doutor em Psicologia Clínica (Núcleo de Estudos Junguianos – PUC/SP). Coordenador do curso de Especialização em Arteterapia Analítica e dos cursos de Educação (FMU). Membro da Revista da AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo), e de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia).

⁴ Fonoaudióloga pela UNIFESP, Arteterapeuta pelo Alquimy Art. Créditos cumpridos para o mestrado em Educação Especial na Boston University – MA. Cursos de extensão em diversas áreas do conhecimento, participação em grupos de estudos, trabalho em ONGS, escolas públicas e privadas. Artigos publicados. Membro do Conselho Editorial da Revista de Arteterapia da AATESP de 2016 a 2021.

Qualis System, a tool which intends to evaluate the quality of Brazilian journals is debated. As an invitation for new production, this journal's production context and the rules for submission of papers are discussed. Last, some issues about research in Art Therapy were discussed.

Keywords: History of Art Therapy; Professional legalization; Quality evaluation system; Production context; Research in Art Therapy.

Introdução: Arteterapia: um campo em construção

Escrever é diferente de falar. Este artigo é resultado de uma Mesa apresentada no I Congresso Paulista de Arteterapia e IX Fórum da AATESP, que reuniu toda a equipe da Revista de Arteterapia da AATESP. Adaptações foram feitas em prol da clareza e concisão do texto, também do melhor encadeamento das ideias.

“Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade” (Ono:1970). O nosso convite aqui é para que todos (as) arteterapeutas se unam a nós e às pessoas que implantaram e implementaram a Arteterapia no Brasil, de modo a que juntos possamos sonhar e construir um campo de conhecimento rico e pujante, uma profissão com todo o reconhecimento que lhe cabe, nos diferentes campos em que ela pode ser exercida.

A Arteterapia é uma área de conhecimento recente, mas já acumula muitas cabeças sonhando com ela como profissão. E o dobro de mãos trabalham para que esse sonho se torne realidade. Vamos recapitular um pouco dessa história de lutas e conquistas, focalizando principalmente o processo aqui no Brasil, como estratégia para encaminhar-nos para os nossos objetivos.

A importância da Arte na vida humana, como registro de uma realidade externa ou interna, como expressão de sentimentos, ressignificação, processo de cura, campo de conhecimento, dentre tantos sentidos que podem se manifestar na Arte, se faz evidente nos registros históricos e se confunde com a própria trajetória da humanidade. Durante milênios, a Arte parece ter cumprido esse percurso terapêutico (Feder, 1981). Na história mais recente, com o advento da Ciência, a cura passou a se restringir a essa nova maneira objetiva e precisa de se construir uma prática segura e confiável.

No período pós II Guerra Mundial, o mundo passou por uma extensa desorganização social e profunda crise nos valores que sustentavam o projeto da Modernidade, dentre eles, os cânones estritos da Ciência. É nesse cenário que a Arteterapia é criada, a partir do pioneirismo de Margareth Naumburg, com a posterior contribuição consistente de Edith Kramer, expandindo-se, nos anos seguintes, pelos EUA, Europa e, mais recentemente, pela América Latina e território brasileiro.

O início da Arteterapia no Brasil foi antecedido por dois grandes pioneiros, que se debruçaram no estudo da expressão artística de psicóticos, mas, até pela questão temporal, esse trabalho não pode ser considerado arteterapêutico. Na década de 1920, Osório Cesar, psiquiatra atuando no Hospital do Juqueri, em Franco da Rocha, São Paulo, desenvolveu estudos sobre a arte dos pacientes internos naquela instituição. A expressão livre dos internos era analisada à luz da teoria psicanalítica. Cesar correspondeu-se com Freud sobre a simbologia sexual identificada em seus estudos da rica produção dos doentes ali atendidos (Andrade, 2000).

Na década de 1940, no Rio de Janeiro, no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, foi implantado um ateliê de livre expressão, para atender a pacientes internos naquela instituição. O trabalho foi idealizado e implantado por Nise da Silveira, médica psiquiatra. O enfoque teórico era o da Psicologia Analítica de Jung. Silveira contava com o apoio de artistas plásticos, que a assessoravam no desenvolvimento da experiência artística dos pacientes. Foi reunido um grande acervo, que, em 1952, veio a compor o Museu de Imagens do Inconsciente. A psiquiatra também manteve correspondência com Jung (Andrade, 2000).

A chegada da Arteterapia, como a conhecemos, data da década de 1960. Destaca-se a presença de Hana Yaka Kwiatkowska, em São Paulo, apresentando trabalhos de Arteterapia com famílias. No Rio de Janeiro, Luiz Duprat cria alguns grupos de estudos sobre o tema, após licenciar-se em Arteterapia, nos EUA (Andrade, 2000). Assim, seguiram-se ações isoladas nos anos seguintes, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Angela Phillipini faz sua formação com uma pessoa formada por Duprat em 1979. Na década de 1980, cria a Clínica Pomar e inicia cursos de formação com abordagem junguiana. A equipe da Pomar passa a ministrar cursos em outros Estados brasileiros, como Minas Gerais e Goiás.

Em 1990, Selma Ciornai cria, em São Paulo, um curso de especialização em Arteterapia de abordagem gestáltica, no Instituto Sedes Sapientiae, com extensão também a outros Estados brasileiros.

A partir desse começo, muito caminhamos nas últimas décadas. A organização da categoria profissional tem sido fundamental para possibilitar os avanços conquistados. Foram criadas Associações de Arteterapeutas em diversos Estados da União, contando hoje com 13 associações nos Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Maranhão.

Em 2006, as Associações Estaduais uniram-se e fundaram a União Brasileira de Associações de Arteterapia, a UBAAT, que tem como objetivo geral assegurar a qualidade dos profissionais arteterapeutas, da prática e da docência em Arteterapia. (UBBAT, 2021)

A UBAAT participou de grandes conquistas para a Arteterapia brasileira. Em 2013, conquistamos a inclusão de nossa atividade profissional na Classificação Brasileira de Ocupações, a CBO, compêndio que reúne todas as ocupações profissionais exercidas no território nacional. Os arteterapeutas pertencem à família 2263, profissionais das terapias criativas e equoterápicas, com o código específico de 2263-10.

Em 13 de janeiro de 2017, a Arteterapia passou a integrar o rol de práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

Falta-nos, no entanto, algo essencial para o sucesso de nosso caminho: conseguir a regulamentação da profissão de arteterapeuta. Explicitamos, a seguir, os objetivos do presente trabalho.

Como objetivo geral definimos fortalecer a Arteterapia brasileira como campo de conhecimento, visando torná-la uma profissão regulamentada. O objetivo específico é sensibilizar os arteterapeutas para a produção acadêmica na área, buscando o fortalecimento da profissão nas áreas da saúde, educação e assistência social.

Para que tal seja alcançado, sugerimos algumas estratégias:

- Transformar a Arteterapia de um conjunto de técnicas para um campo científico de conhecimento, seguindo o modelo de construção da Ciência.

- Estabelecer diálogo com diferentes campos de conhecimento, facilitando uma abordagem multifatorial do ser humano.

- Incrementar a pesquisa em Arteterapia, tanto nas pós-graduações, como em outros tipos de órgãos de pesquisa.

- Aumentar a produção científica, quer em livros, textos acadêmicos ou periódicos.

A estratégia da equipe editorial desta Revista foi compartilhar com nossos leitores o cenário onde nosso periódico se insere, o contexto editorial dos periódicos científicos no Brasil, bem como os bastidores da Revista.

Da concepção à concretização

A **Revista de Arteterapia da AATESP** nasceu no ano de 2010, fruto do desejo e da necessidade de divulgar e compartilhar o conhecimento produzido e experiências vividas pelos profissionais da área. Seu objetivo foi definido como registrar trabalhos científicos teóricos e/ou práticos que mostrassem a atuação e eficácia da Arteterapia como área de trabalho a ser reconhecida pelo mundo acadêmico e clínico. A intenção é contribuir tanto com nossos pares quanto com profissionais de outras áreas. Indo além, foi pensado também em como pode ser importante aprender e acrescentar ao conhecimento da Arteterapia, conhecimentos de outras áreas que possam contribuir com nosso

desenvolvimento. Outro objetivo da revista é o de publicar trabalhos científicos de áreas com afinidade com a área de conhecimento aqui explorada, que possam trazer sua contribuição para a Arteterapia e que por sua vez, usufruam do conhecimento da área de foco da revista. Trocar e aprender uns com os outros. Afinal, qualquer conhecimento deve considerar sua transdisciplinaridade e tentar encontrar pontos em comum entre as diferentes disciplinas para chegar talvez a uma outra construção na qual as contribuições de cada uma acrescenta e desenvolve novos conhecimentos, novas posturas, novas abordagens teóricas e práticas entre tantas outras coisas.

O CETRANS, Centro de Educação Transdisciplinar, postula que a transdisciplinaridade:

(...) é uma teoria do conhecimento, é uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito. A transdisciplinaridade é uma nova atitude, é a assimilação de uma cultura, é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo.

Etimologicamente, trans é o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas, remetendo também à ideia de transcendência. (www.cetrans)

Difícil diante dessa conceptualização, é definir hoje quais são as áreas afins com a Arteterapia. Diante de um panorama teórico tão diversificado como o atual, todas as áreas do conhecimento se entrecruzam em algum ponto. Basta estudá-las com profundidade.

A contribuição de outras áreas seriam teóricas e deveriam aportar conhecimentos complementares para nossa área, enquanto na Arteterapia seriam teórico/práticos ou mesmo apenas teóricos.

Ao se definir a revista como uma revista científica foi necessário recorrer a instrumentos que normatizam a pesquisa e divulgação científica, a fim de cumprir os pré-requisitos, aqueles possíveis, para a construção inicial de tal instrumento de troca de conhecimento entre profissionais e de divulgação da Arteterapia, ela mesma.

A CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ligado ao MEC, Ministério da Educação e Cultura, responsável pela avaliação de cursos de graduação e pós-graduação, incluindo a da produção científica das instituições, mostrou-se um bom referencial. Fundada em 1977, foi se aprimorando até desenvolver um instrumento de estratificação e avaliação de periódicos científicos, a Qualis-CAPES

Até o ano de 1998 a forma de avaliação era quantitativa, isto é, pelo número de publicações científicas de cada instituição, passando a ser qualitativa em 1999. No entanto, devido ao grande volume da produção científica nas instituições, a avaliação qualitativa de

cada trabalho se mostrou impossível, tornando-se necessária a criação de um instrumento de avaliação dos periódicos científicos para substituir a avaliação unitária.

Foi construída então uma ferramenta de avaliação de periódicos, a QUALIS/CAPES, como conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação, com base na publicação em periódicos científicos de artigos de docentes afiliados às Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Tal processo foi concebido para atender às necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas pelas instituições de ensino superior. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. (www.aguia.usp.br)

O Qualis Periódicos, que opera através da plataforma Sucupira, é responsável por classificar a produção científica desenvolvida pelos cursos de pós-graduação do País a partir dos artigos publicados em revistas científicas. Mas essa classificação não é absoluta e está em constante evolução e aprimoramento.

Entre vários critérios, o Qualis estabeleceu critérios de avaliação “pressupondo-se que a aceitação de um artigo por periódicos (indexados) e com revisão por *peer review* (revisão por pares) podem garantir sua qualidade” (Barata, 2016)

A Revista de Arteterapia da AATESP tomou como referencial para sua construção a tabela abaixo:

ESTRATO	CRITÉRIOS
A1	Presença no ISI e no PsycInfo; Publicação por associação científica com reconhecimento internacional; Condição de se tornar referência internacional para a área da Psicologia.
A2	Presença no ISI, ou nos três seguintes IBDs: PsycInfo, Scopus e SciELO; OU Presença em dois dos seguintes IBDs: PsycInfo, Scopus e SciELO mais presença em quatro ou mais dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, ou REDALYC; Atualização (todos os números do ano anterior publicados até março); Periodicidade mínima: quadrimestral (revistas generalistas); semestral (revistas de subáreas).
B1	Presença PsycInfo, ou Scopus, ou SciELO; OU Presença em quatro ou mais dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, ou REDALYC.
B2	Presença em pelo menos dois dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, ou REDALYC.
B3	Presença em um dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, REDALYC.
B4	Publicado por instituição com Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> , ou Sociedade Científica, ou Instituição Profissional, ou Instituição de Pesquisa, ou com apoio CAPES, CNPq ou financiamento estatal, avaliação por pares, ou estar disponível no PePsc, ou em IBDs distintos.
B5	Atendimento dos requisitos mínimos: ISSN, editor responsável – conselho editorial – linha editorial, normas de submissão, periodicidade mínima semestral, avaliação por pares, afiliação institucional dos autores, afiliação institucional dos membros dos Conselhos, resumo e abstract dos artigos, descritores em português e inglês, data de recebimento e aceitação de cada artigo e pelo menos um número do ano anterior publicado.
C	Publicações que não atendem os requisitos mínimos da área.

Foi possível posicionar a revista no Nível B5, atendimento dos requisitos mínimos, cujos critérios referem-se tanto à estrutura da revista quanto aos procedimentos de avaliação e aceitação dos artigos que irão compor cada número, sendo esses, de acordo com a tabela acima:

- ISSN - combinação de 8 números com a finalidade de reconhecer e especificar o título de uma publicação científica, ordenada em âmbito internacional.
- ISSN – 2178-7889
- editor e responsável – conselho editorial
- linha editorial
- normas de submissão
- periodicidade mínima semestral
- avaliação por pares
- afiliação institucional dos autores e dos membros do conselho
- descritores em português e inglês
- datas de recebimento e aceitação em cada artigo
- e pelo menos um número do ano anterior publicado

Como já mencionado acima, a classificação de uma revista pela Qualis não é definitiva, estando sujeita anualmente a revisões e aprimoramento. O ano de 2019 trouxe várias mudanças a partir da construção de novos critérios muito exigentes, obrigando várias revistas a se reinventarem. Não foi diferente com a Revista da AATESP, uma vez que o nível B5 deixou de existir para esse sistema de estratificação e avaliação.

Nossa postura diante disso é continuar a manter com afincamento a revista dentro dos critérios mínimos, tomados como ponto de referência para seu aprimoramento passo a passo. O desafio é grande, mas o caminho é bastante possível de ser alcançado.

Cabe ainda ressaltar a importância de que o autor de trabalhos científicos conheça os procedimentos realizados para submissão, avaliação e publicação em nossa revista:

- envio: revista@aatesp.com.br
- é feita a primeira leitura para verificar a língua escrita, o cumprimento das normas e o conteúdo para que não haja, ou haja o mínimo possível de repetição de temas,
- o trabalho, sem identificação do autor, é encaminhado para dois pareceristas, que nos devolvem com sugestões, ou não, para que seja reencaminhado para o autor. Os pareceristas também não são identificados para o autor, que se encarrega da reformulação de seu texto, de acordo com a contribuição dos pareceristas.
- esse procedimento às ocultas é obrigatório e seguido à risca para tornar o parecer objetivo, isento de contaminações subjetivas.

- após a revisão o trabalho é encaminhado novamente para os mesmos pareceristas, que verificam se as sugestões foram acatadas para o aceite final.

Passamos, a seguir, a examinar como a **Revista de Arteterapia da AATESP** se estruturou, para se colocar no cenário da produção acadêmica nacional.

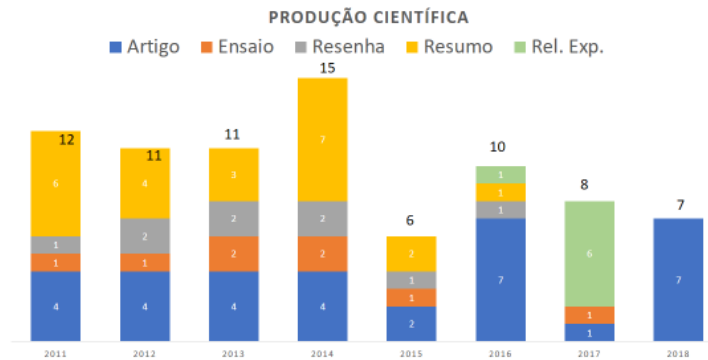
Estrutura da Revista

A revista eletrônica da AATESP está estruturada da seguinte forma:

- **Conselho Editorial**, atualmente composto por Dra. Leila Nazareth, Dr Sandro Leite, Ms Deolinda Fabietti e Esp Maria Angela Gaspari. Nossa função é manter as regras de um artigo científico e todo o conteúdo da revista de acordo com as exigências de sua classificação, receber os artigos, avaliar sua pertinência, encaminhá-los para seus pareceristas, montar e lançar 2 números por ano.
- **Conselho Consultivo** (pareceristas), composto por profissionais mestres e doutores, arteterapeutas de todo o Brasil.
- **SUMÁRIO**, o leitor saberá os assuntos e temas que compõem a revista e poderão ir direto para aquele que lhe interessa.
- **EDITORIAL**, é um artigo publicado em jornais, revistas ou sites com conteúdo opinativo. Seu objetivo é informar, mas nem por isso é neutro. Normalmente, está nas primeiras páginas; é dissertativo, crítico e informativo, porque desenvolve argumentos, expõe opiniões e relata um acontecimento, e estes pontos de vista se encarregam de transmitir aos leitores a interpretação dos fatos ocorridos.
- **ARTIGO**, pode ser definido como a “publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”. (NBR 6022, 2003, p. 2). Sua função é relatar os resultados de uma dada pesquisa, sendo esses calcados de originalidade. Torna-se conhecido por meio de revistas científicas, as quais possuem uma seção destinada a esse fim. No caso da AATESP, o artigo é encaminhado para revista@aatesp.com.br
- Depois de encaminhado ao Conselho Editorial, o artigo passa por uma rigorosa revisão, de dois pareceristas, doutores e/ou mestres: Nesse momento, há uma primeira consideração, aferindo seu valor científico e a possibilidade de torná-lo público. Além desses aspectos, é avaliada a estruturação do texto, ou seja, parágrafos, frases, clareza das ideias e é considerada a possibilidade de possíveis reavaliações. Não cabe ao parecerista fazer correções gramaticais, cabendo ao autor encaminhar seu artigo a um profissional gabaritado em língua portuguesa. O revisor está livre para se posicionar frente ao objeto de análise, negando por exemplo sua publicação. Quando isso ocorre, o conselho editorial encaminha o artigo a outros pareceristas para ter outras opiniões.

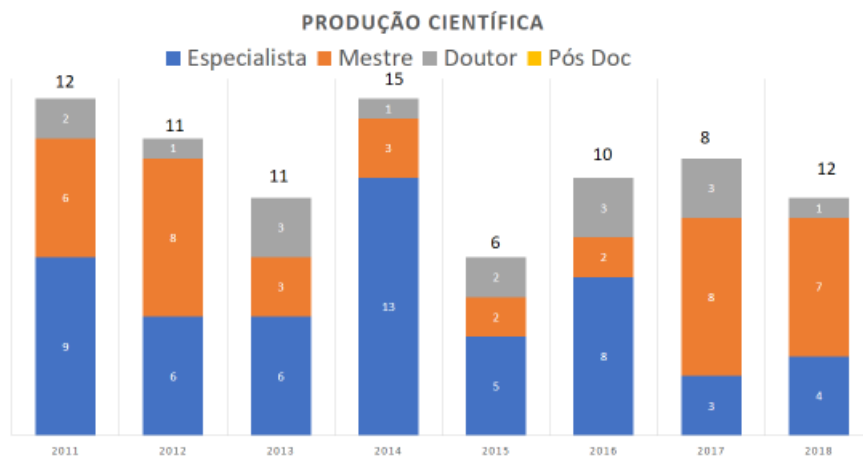
- **RESENHA:** é caracterizada por transmitir a opinião de uma pessoa sobre determinado conteúdo. Pode ser um livro, filme ou texto desde que o escritor faça uma abordagem analítica sobre esses formatos. Geralmente, na resenha, são apresentados pontos de vista sobre o conteúdo de determinada obra; sua estética, em caso de filmes; sobre a intenção do trabalho; o contexto de sua produção, entre outros aspectos que variam a depender do objeto avaliado.
- **RESUMO:** Trata-se de uma síntese bem objetiva sobre o assunto apresentado, na qual não são inseridos quaisquer conteúdos novos por parte de quem está resumindo, nem tampouco sua opinião.
- **ENSAIO:** é um texto de **caráter crítico** sobre certo debate ou questão de ordem científica. Deve ser formal, bem articulado e mais flexível do que outros gêneros, não por isso desconsiderando seu rigor e organização; não exige referências de teóricos, mas precisa ser sensato. Diz-se que “o ensaio é um gênero que permite certa **transição** entre o cultural e o literário, em sua argumentação. O didático e o não-didático, o científico e o filosófico.”
- **RELATO DE EXPERIÊNCIA:** é um trabalho acadêmico de grande relevância, que deve ser impessoal sem apelo emotivo ou pessoal. Ele também segue uma estrutura como introdução, objetivos, metodologia, descrição dos atendimentos, resultados e considerações finais.
- Por ocasião da escrita desse artigo, foi feito um levantamento desses tópicos em nossas revistas e alguns resultados foram surpreendentes.
- Podemos perceber o maior número de especialistas escrevendo do que mestres e doutores. Os recém formados estão sendo convidados e estimulados a apresentar seus trabalhos e parece que a ideia está sendo boa. E os mestres e doutores, quais seriam suas dificuldades? Por que uma produção tão baixa? Se observarmos o ano de 2016 e 2018 tivemos um número significativo de artigos e conferindo nossa agenda isso se deu a partir da realização do I Congresso Paulista de Arteterapia e IX Fórum da AATESP, em 2019. Parece que esses eventos estimulam a divulgação e discussão de temas tão importantes para nossa construção como Arteterapia.
- Percebemos também o grande número de resumos sendo publicados, o que não diminui sua importância e relevância. É a partir de sua leitura que o leitor sente-se instigado a aprofundar e buscar o artigo, livro em sua íntegra.

I CONGRESSO PAULISTA DE ARTETERAPIA
IX FÓRUM DA AATESP



- Observando o quadro abaixo vamos perceber os especialistas mais envolvidos na escrita e divulgação de seus trabalhos.

I CONGRESSO PAULISTA DE ARTETERAPIA



Fonte: Cristina Alessandrini

Nossa análise encerra-se com um olhar sobre o campo da pesquisa acadêmica em Arteterapia, focalizando instrumentos, modelos de intervenção, o papel ativo do pesquisador nesse processo de construção do conhecimento e os caminhos para a divulgação dessa produção científica e/ou acadêmica.

Pesquisa em Arteterapia: entre subjetividades e objetividades

A pesquisa acadêmica que trata de estudar o psiquismo tem à disposição uma série de recursos que objetivam trazer à luz não somente os meios de acesso aos dados, mas principalmente a possibilidade de compreendê-los. Entre os recursos quantitativos, as escalas e os testes psicológicos cumprem o papel técnico no tocante ao domínio

mensurável, contribuindo assim para uma apresentação objetiva daquilo que se quer estudar. As técnicas projetivas-expressivas também têm desempenhado papel importante na pesquisa acadêmica, pois aliam a objetividade à possibilidade de expressão do participante na pesquisa.

No âmbito qualitativo, as entrevistas apresentam importantes dados para a compreensão dos processos que foram desencadeados na pesquisa, especialmente quando são aplicadas antes e depois das intervenções. Além disso, os símbolos que emergem desses processos, bem como as associações e ampliações dos participantes, ampliam verbalmente as possibilidades de uma compreensão mais apurada dos dados. Quando são utilizados os recursos expressivos, somam-se as análises das produções realizadas, como desenhos, pinturas, entre outros. Estes revelam, muitas vezes, aquilo que verbalmente não foi expresso, ou que permanece nas entrelinhas: a análise da visualidade ratifica a capacidade de o inconsciente se manifestar imageticamente. Para Penna (2013; 2014) todo evento psicológico é uma autorrepresentação da situação atual do inconsciente e o uso de imagens é uma das maneiras de se estudar o psiquismo.

Importante destacar que “A técnica é sempre um esquema sem alma e quem considera a psicoterapia como simples técnica corre, no mínimo, o perigo de cometer erros irreparáveis” (Jung, 2013, par. 357). Essa constatação requer considerar que todo e qualquer recurso utilizado em pesquisa deve levar em consideração uma dinâmica entre o técnico e o humano, ou seja, deve considerar que aquele que se expressa é um agente munido de recursos técnicos que são considerados, pelo pesquisador, como o meio mais adequado de expressão para aquela situação.

De outro lado, se processa uma relação entre o participante e o pesquisador que deve ser levada em consideração, pois cada vez mais é exigido do pesquisador uma posição participativa e responsiva em relação ao impacto que a pesquisa provoca. Estamos falando da contratransferência. Esse chamamento contribui para a discriminação de conteúdos e emoções despertados em si mesmo e no participante. Segundo Leite (2011, p. 217), a contratransferência “envolve uma via processada pela relação, pautada por uma condição empática, na qual se dá a disposição de ser afetado e de permitir-se sofrer uma transformação conjuntamente com o paciente”. A pesquisa, além da objetividade, contribui como objeto vivo de estudo cuja reverberação vai além da mera técnica ou procedimento. Essa posição do pesquisador/terapeuta como participante já fazia parte das recomendações de Jung (2013), quando se referia aos termos: equação pessoal e análise didática.

Outro aspecto a se considerar trata do perigo reducionista envolvido na prática da pesquisa acadêmica. Considerando as estratégias necessárias para a pesquisa: o recorte temporal, de procedimento e de participantes, há o risco iminente de uma visão parcial e reducionista de um determinado fenômeno. Segundo Bachelard (2008), para lidar com um

fenômeno é preciso explorá-lo, amplificá-lo, esticá-lo, exagerá-lo, porque é somente diante da imensidão de dados que será possível abarcar a sua realidade. Com esse propósito em mente, os resultados da pesquisa devem ser considerados em sua transitoriedade, indicando caminhos para futuras indagações.

Por fim, o produto derivado da pesquisa exige um tratamento para que seja veiculado, geralmente em formato de artigo, como contribuição para o campo acadêmico. Mas não só, também como produto científico capaz de gerar um exercício reflexivo e fomento de novos desdobramentos em pesquisa. Para a produção do artigo, deve-se levar em consideração: a atualização da literatura, a preferência por artigos de revisão que compilam e analisam as pesquisas mais relevantes sobre o tema estudado, a demonstração dos dados em termos quantitativos e qualitativos, assim como estudos de caso. Os meios mais eficazes para a divulgação da pesquisa são revistas indexadas no Qualis, cuja qualificação pressupõe a importância da pesquisa.

Considerações finais

A Arteterapia brasileira teve um desenvolvimento rápido e expressivo, desde sua instalação em nosso território. Chegamos a um ponto decisivo, de transformá-la em campo de conhecimento científico, vislumbrando sua regulamentação como profissão. A produção acadêmica e científica será um arsenal relevante para que essa transformação ocorra. A Revista de Arteterapia da AATESP tem sido um recurso importante para o registro da produção científica da área de atuação em pauta.

Temos superado dificuldades em nosso caminho de construção e manutenção do periódico e assim o faremos sempre. O caminho a ser percorrido depende da mobilização da categoria e da colaboração de profissionais que se proponham a publicar e compartilhar suas experiências com outros profissionais. Vale a pena ressaltar que nos últimos tempos tem aumentado o número de submissões, o que torna possível acreditar na continuidade da Revista de Arteterapia da AATESP e na possibilidade de continuarmos sonhando juntos com a regulamentação da profissão de arteterapeuta.

Data de recebimento: 30.05.2021
Data de aceite 10 parecerista: 02.10.2021
Data de aceite 20 parecerista: 26.01.2022

Referências bibliográficas

ANDRADE, L.Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vozes, 2000.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARATA, R.C.B. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis., 2016 disponível em: <https://www.pos.letras.ufg.br>, acesso em 23.10.2020.

CAPEL, Portal de periódicos. Disponível em <https://periodicos.capes.gov.br>, acesso em 03.09.2020.

<https://www.aguia.usp.br/apoio-pesquisador/escrita-publicacao-cientifica/selecao-revistas-publicacao/qualis-periodicos>, acesso em 07.09.2020.

<http://www.cetrans.com.br>, acesso em 08.09.2020.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/artigocientifico.htm>.

<https://www.ufrgs.br>, acesso em 30.10.2020.

CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia**: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

COSTA, M.A.F., COSTA, M.F.B. **Projeto de pesquisa**, entenda e faça. 6ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2015.JUNG,C.G. Civilização em transição – OC 10/3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, P.S. **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

ONO,Y. **Grapefruit**: a book of instructions and drawings.1970. disponível em www.pensador.com/frase/MTUSOQ. Acesso em 20.09.2019.

PENNA,E.M.D. **Processamento simbólico- arquetípico**: pesquisa em psicologia analítica. São Paulo: EDUC, 2014.